

## **DISCUTINDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ENSINO DE HISTÓRIA: A TRAJETÓRIA FEMININA NO SÉCULO XX.**

Me. Thaís de Oliveira e Silva <sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Há treze anos a Lei Maria da Penha<sup>2</sup> foi sancionada, esta lei representa uma conquista para as mulheres que sofrem com a violência na nossa sociedade. A emergência de uma lei que punisse esse tipo de violência também sinaliza os problemas sociais causados pela desigualdade de gênero no Brasil. Portanto, falar sobre a mulher e sua trajetória de luta a partir do contexto histórico em sala de aula torna-se relevante para o debate sobre a violência contra a mulher.

Este trabalho irá voltar-se para a importância de elucidar em sala de aula a temática sobre a trajetória feminina e sua luta, pela inserção social, política e econômica da mulher ao longo do século XX, no Brasil e no Mundo. Para tanto iremos considerar os conteúdos programáticos para o 9º ano do Ensino Fundamental, destacando o protagonismo feminino, visto que do espaço privado ao público a luta das mulheres foi o caminho pelo qual elas conquistaram os seus direitos que até hoje precisam ser reafirmados.

Trata-se de uma experiência feita em sala de aula, que contextualiza historicamente os desafios atuais encontrados pelas mulheres para promover a reflexão com os educandos sobre o combate a violência e ao feminicídio<sup>3</sup>. Sendo assim, contribui para o Ensino de História ao trazer a discussão e problematização da violência contra mulher, considerando o conhecimento histórico e sua construção para refletir sobre questões pertinentes sociedade no qual estamos inseridos. Dessa forma, oferece aos educandos a capacidade de construir uma opinião possível sobre os eventos históricos estudados para que eles formem novos conhecimentos através da interpretação de situações concretas da vida social. Contribuindo desta maneira para a aprendizagem, assim como para o desenvolvimento da habilidade de compreensão da dinâmica das mudanças e permanências na História.

---

<sup>1</sup> Mestre em Formação de Professores (PPGFP/UEPB); Professora Preceptora da Residência Pedagógica: Subprojeto História - Universidade Estadual da Paraíba - PB, [thaísblos@gmail.com](mailto:thaísblos@gmail.com).

<sup>2</sup> Lei 11 340, de 7 de agosto de 2006.

<sup>3</sup> Femicídio é o homicídio praticado contra vítima mulher por motivações baseadas em violência doméstica e/ou intrafamiliar, ou em caso de menosprezo ou discriminação pela condição de mulher. Lei.13/104 de 2015.

## **METODOLOGIA**

Desenvolvemos as atividades nos três primeiros bimestres do ano letivo de 2018, de acordo com o conteúdo programado, problematizamos o protagonismo feminino nestes contextos históricos e questionando-os sobre as mudanças e permanências. As rodas de diálogo faziam parte do processo, pois a cada bimestre elas eram realizadas em sala para que os educandos discutissem os temas com base no conteúdo que foi estudado, reforçando a aprendizagem e contribuindo para a construção do conhecimento por parte de cada educando. Nossa metodologia segue dessa forma a dialogicidade e na complexidade, seguindo a prática de iniciar sempre as aulas tendo como ponto de partida o que os educandos trazem em sua fala sobre a temática estudada.

É por meio dessa dialogicidade que se percebe a realidade pelo sistema das relações entre o todo e as partes sem fragmentação, mas na busca de compreender a teia do entrelaçamento dos componentes que constitui esta realidade. A análise dessa complexidade nos leva a construir uma nova unidade, segundo a percepção da realidade em sua totalidade e em movimento. (OLIVEIRA, 2013, p.57)

Foi utilizado como recursos didáticos, o data-show para reprodução de slides, textos como crônicas e notícias, e a TV para exibição do filme que foi exibido no primeiro bimestre. Sendo assim as aulas privilegiaram o debate através dos grupos de diálogo, mas também promoveram a escrita com a produção de textos sobre as temáticas abordadas ao longo de cada conteúdo.

## **DESENVOLVIMENTO**

As relações entre homens e mulheres nas sociedades sempre existiram bem antes do conceito de gênero. As desiguais diferenças nessa relação fizeram os debates acerca das relações de gênero tornar-se cada vez mais comum com o passar dos anos, desde as décadas de 1980 e 1990 se intensificaram mais com base nos movimentos femininos. A partir da década de 1990 a produção historiográfica relacionada às questões de gênero começa a ganhar espaço e a crescer, com o campo de pesquisa cada vez mais ampliado os debates dentro da academia vão se formando.

De acordo com Almeida (2004) diante das desigualdades entre os homens e mulheres, a luta feminina foi importante para romper com essas barreiras, mas a imagem da mulher submissa, frágil, dependente e incapaz de envolver-se com a política, de se desenvolver intelectualmente, enfim, de participar ativamente da sociedade como o homem participa

repercute em problemas sociais como a violência. Esses estereótipos, que atenuam ainda mais as diferenças entre homens e mulheres e que está presente no imaginário da nossa sociedade.

A historiadora Louise A. Tilly (1994) afirma que as especificidades femininas estão além da biologia. Elas existem também socialmente, “ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são algo mais do que uma categoria biológica; elas existem socialmente [...]” (TILLY, 1994, p.31). É perceptível que a mulher, por fazer parte da sociedade, convive em um meio onde se configuram valores e significados. Para a autora estas mulheres têm suas características próprias, mas têm as vidas modeladas por regras sociais advindas de instituições de poder. Essas diferenças entre o homem e a mulher são construções socioculturais e também históricas, que como se vê no texto de Jane Soares teve a participação principal da ideologia de cunho religioso, e também a participação do estado para a efetivação dessa imagem.

A missão, vocação e destino da mulher era ser antes de tudo pura, como a Virgem Maria, para assim poder ser esposa e mãe. A vigilância, sobretudo da família e da igreja controlava o corpo e a mente feminina, por tais motivos esta era vista pela a sociedade como submissa e totalmente dependente do pai e posteriormente do marido. A violência contra mulher está relacionada a este sentimento de posse assumido pelos homens que foi naturalizada na sociedade patriarcal.

Considerando tais discussões históricas acerca das relações desiguais de gênero e a influência desta na violência contra a mulher, nos voltamos para o conteúdo do 9º ano do Ensino Fundamental. Propomos-nos então a pensar o feminino nestes contextos históricos elucidando questões relacionadas às mudanças e permanências com a atualidade, para que os educandos fizessem um parâmetro com a sua realidade. Faz parte dos conteúdos propostos para o 9º ano do Ensino Fundamental à emergência da sociedade capitalista, os avanços técnicos e de comunicação, a Primeira e Segunda Guerra Mundial, o advento da República no Brasil e sua consolidação, além da Ditadura Civil-Militar e o processo de redemocratização, e as transformações sociais e culturais ocorridas em decorrência destes acontecimentos históricos. Portanto, enfatizamos o papel das mulheres nestes eventos e nisto as lutas empreendidas por elas pelo direito ao voto, o direito a educação, ao trabalho, enfim, o direito ao exercício de cidadania.

O filme selecionado para o debate foi *as Sufragistas* (2015), a escolha se deu pelo contexto histórico em que se passa este drama. Sob a direção Sarah Gavron e com roteiro de Abi Morgan o filme conta a história da luta pelo voto feminino no início do Século XX no Reino Unido, após o fim da I Guerra Mundial. O filme foi exibido aos estudantes em sala e disponibilizado para aqueles que quisessem assistir mais de uma vez em casa, desta forma poderia rever as cenas e selecionar diálogos para o debate.

No contexto do período entre guerras, da II Guerra Mundial e da Guerra Fria, discutimos a inserção da mulher no mercado de trabalho percebendo quais os empregos foram ganhando status de serem apenas feminino. Também destacamos a mulher na ciência, os educandos foram convidados a trazerem nomes de cientistas e suas invenções e contribuições para a ciência, contribuindo para o reconhecimento do protagonismo feminino no século XX.

Como apoio para a discussão sobre a Violência contra Mulher no Brasil, iremos trabalhar o texto *Não as matem* de Lima Barreto, que foi escrito pelo autor em 1915, publicado em *Vida Urbana* (1953) uma coletânea de crônicas e artigos do autor. Como atividade os educandos foram orientados a produzirem um texto onde narrem experiências próprias ou situações que testemunharam ao seu redor em que identificaram a violência contra a mulher ou sobre a desigualdade de gênero, essa produção que foi compartilhado entre eles na sala.

Em um segundo momento foi solicitado que os educandos colhessem informações sobre os dados da Violência contra a mulher em 2017 na nossa região, além também de notícias recentes que tinham como temática além da violência a desigualdade de gênero. Desta forma, foi promovido o debate em sala de aula sobre a Lei Maria da Penha, para que os educandos possam compreender a importância da lei considerando a sua aplicabilidade com base nos dados sobre a violência contra a mulher no Brasil e na Paraíba. Ao trazermos a biografia de Maria da Penha, apontamos que como ela muitas brasileiras viveram e vivem a mesma realidade e que nisso compreende a urgência da lei.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para buscar um equilíbrio que relativize as diferenças devemos questionar identificar e desconstruir nossas suposições para construir novas relações com as questões vinculadas às

identidades e às diferenças na sala de aula é necessário discutir com os alunos como as diferenças são construídas socialmente e culturalmente com base nas relações de poder. (AKKARI e SANTIAGO; 2015).

Propomos-nos inicialmente a possibilidade possam ter a oportunidade de traçar um paralelo com os conteúdos das aulas de História, com base nos textos trabalhados, pensar o que mudou e o que continuou e diante disto refletir criticamente sobre a permanência da violência contra a mulher e da desigualdade de gênero e da necessidade da desconstrução dessa realidade. Observamos que as cenas dos filmes que mostravam a luta feminina e as desigualdades de gênero no trabalho e no casamento foram as mais comentadas pelos estudantes, pois eles identificaram continuidades e destacaram poucas mudanças. Nesse aspecto percebemos como os debates possibilitaram uma relação de ensino-aprendizagem na qual o educando é o protagonista.

Ao respeitar as experiências dos alunos através de um constante diálogo e oferecer chances de um trabalho mais cooperativo, estamos acreditando em uma prática docente que valoriza cada aluno e deve ser instigada, e, conseqüentemente, trabalhada sistematicamente no processo ensino e aprendizagem. (OLIVEIRA, 2013, p.116)

Além disso, discutimos a importância da representatividade feminina na política, destacando como ainda precisamos avançar neste sentido, considerando tal debate e a partir do que viram no filme, os educandos produziram pequenos textos para comentar a luta das personagens pelo direito ao voto e o significado deste para elas. Essa produção feita pelos educandos foi importante para a problematização do tema a partir de suas próprias experiências, consideramos assim a prática do diálogo importante para refletimos em sala de aula produzir conhecimento a partir da vida de cada indivíduo, ou do conhecimento prévio que cada um trás.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apresentar aos educandos a luta feminina pela sua inserção na política, na economia, na própria escola e nas universidades, além da luta pelo seu reconhecimento nas ciências, é elucidar o significado do empoderamento feminino, desta forma criar possibilidade para desconstrução da desigualdade de gênero a partir da sala de aula. Neste sentido é possível promover o protagonismo feminino, refletindo sobre o papel social da mulher ao longo do século XX. Considerando a escola um lugar de promoção dos Direitos Humanos, nisto está incluso o equidade nas relações de gênero. Ainda há um longo caminho a percorrer quando se

fala sobre a inserção da temática as relações de gênero em sala de aula, pois é ainda é assim na sociedade, porém não devemos desanimar diante desta conjuntura, precisamos falar sobre as desigualdades nas relações de gênero. Este é um possível caminho para problematizar a violência contra a mulher e destacar a importância da luta pelos seus direitos femininos e pela representatividade equânime na sociedade. Acreditamos que a escola é o lugar de construção e valorização da dignidade humana independente de gênero, raça, etnia e religião sendo assim a violência contra a mulher implica em questões que são importantes serem debatidas dentro e fora da escola.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Edinalva Padre. **Currículo e Ensino de História: Entre o Prescrito e o Vivido**. Vitória da Conquista – BA, BRASIL (1993/2000). Dissertação do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, MG, 2006.
- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulheres na Educação: missão, vocação ou destino?*. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. (Orgs). **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas/SP: Autores Associados, 2004.
- AKKARI, Abedeljalil.; SANTIAGO, Mylene Cristina. **Diferença na educação: do preconceito ao reconhecimento**. Revista Teias, v.16, n.40, 28-41, 2015.
- BOULOS JUNIOR, Alfredo. **História, sociedade & cidadania**, 9º ano. 3 Ed. São Paulo: FTD, 2015.
- DRUMONT, M.P. . *Elementos para uma análise do machismo*. Perspectivas: São Paulo, (3) 1980: p.81-85. Em: <<http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1696/1377>> Acesso: 27 de Fevereiro de 2018.
- OLIVEIRA, Marly André. **Sequência Didática Interativa no processo de formação de professores**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013
- SOIHET, Rachel. **História das Mulheres**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAZ, Ronaldo. Domínios da História. Editora Campus, 1997, pg. 275-311.
- SILVA, Marcos Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. **O Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas**. Revista Brasileira de História. São Paulo. V. 31, nº 60, 2010. (p.13-33).
- TILLY, Louise A.. *Gênero, História das Mulheres e História Social*. Cadernos Pagu (3) 1994: p. 29-62. Em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/pagu03.03.pdf>> Acesso: 12 de Janeiro de 2013.